

Historicamente as instituições se vêm diante de situações que lhes impõe tomar decisões que correspondem a definir qual o caminho a seguir. É como se nos encontrássemos diante de uma encruzilhada sem sinalização e que oferece vários caminhos, cada um levando para um resultado. A escolha do caminho tem que ser feita. Não há possibilidade de ficar parado esperando que o acaso possa nos indicar o rumo mais adequado.

A escolha de um caminho entre vários possíveis deve ser feita a partir da análise desapaixonada da trajetória histórica da instituição, dos valores consolidados, do objetivo a ser atingido e das possibilidades de sucesso de cada alternativa.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho está diante de uma encruzilhada. Três caminhos claramente expostos estão a nossa frente: primeiro, em linha reta, deixando as coisas do jeito que estão, mantendo o nível exacerbado do espírito competitivo que tomou conta dos concursos que realizamos, fazendo de conta que tudo está bem, ignorando os indícios de deturpação da música, aprofundando o endividamento dos CTGs, acelerando o processo corrosivo da rivalidade entre entidades e aprofundando a distância entre as atividades artístico-esportivas e as ações culturais; o segundo caminho é o de esquecer que o Movimento é cultural, desconstituir os valores sustentados na família, esconder a Carta de Princípios e mandar para o “arquivo morto” as obras de Barbosa Lessa, transformar os CTGs em meros locais de diversão e de preparação de esquadras profissionais na área da dança e do tiro de laço, priorizando o esporte e a competição. Seguindo esta segunda linha podemos transformar os CTGs em clubes parecidos com os do futebol.

Há uma terceira via a nossa frente. Esta nos oferece a possibilidade de refazer parte da história para que as entidades tradicionalistas retornem à origem e se constituam em centros de cultura oferecendo a suas integrantes oportunidades de convivência harmônica, inclusive entre uma e outra entidade, estimulando o conhecimento da história, o estudo do folclore gaúcho, o aprendizado dos valores característicos da sociedade sul-rio-grandense, como os do respeito, da camaradagem, da amizade, da liberdade, da interação entre gerações, da intransigente defesa da cultura local, da preservação da música e da indumentária tradicional e, acima de tudo, assumindo a responsabilidade social que a Carta de Princípios do tradicionalismo gaúcho nos impõe.

Neste terceiro caminho cada CTG deverá se transformar em núcleo cultural com ações claras e definidas em favor da cura de algumas mazelas da sociedade, tais como: o abandono de milhares de crianças que passam fome e não têm acesso à educação e aos valores culturais, as dificuldades do homem rural que se vê obrigado a abandonar o campo, buscando nas cidades melhor condição de vida e, normalmente, engrossando a massa de miseráveis que habita as periferias.

Três caminhos temos a nossa frente. É hora de escolher qual o que seguiremos. Cada um deles leva a um lugar. É preciso definir qual o lugar que queremos ocupar na sociedade e qual o Movimento que queremos entregar a nossos filhos e netos.

Manoelito Carlos Savaris  
Presidente MTG